

O gigante entorpecido

Os seminários que se realizam no Exterior para discutir o Brasil, entre empresários, acadêmicos e pessoas com experiência governamental, mostram hoje uma avaliação bem melhor do que as do final dos anos 80 e início dos anos 90, estas na sequência da macarronada que foi o governo Sarney e das frustrações que cercaram o governo Collor. Com o governo FHC e o Plano Real há um renovado interesse pelo Brasil,

criando um cenário de oportunidades que o País não pode perder.

Há, entretanto, muitos problemas por resolver. Em particular, prevalece uma desconfiança generalizada quando à efetiva e permanente tomada de bons rumos pela economia brasileira, derivada principalmente da percepção de que nosso setor público continua desajustado e com problemas crônicos: não consegue controlar suas finanças, a dívida sobe, os juros que paga são muito altos diante do risco que representa, essas taxas de juros contaminam os empréstimos aos setor privado e



“O Brasil é o país do futuro... e sempre continuará sendo”

atraem capitais externos voláteis, que, por sua vez, deprimem a taxa de câmbio; a dívida dos Estados também sobe e muitos deles estão virtualmente quebrados, alguns têm bancos em idêntica situação, as reformas estão andando devagar, e assim por diante.

Alguns comentários irônicos continuam sendo repetidos, como aquele que completa o soado “o Brasil é o país do futuro” com o adendo “e sempre continuará sendo”. Dizer que vamos devagar demais é correto, mas não dá para aceitar que vamos chegar lá. Depois de seus problemas, pelo menos argentinos e mexicanos não mais nos perguntam por que ficamos para trás. Da América Latina, quem continua de nariz empinado são os chilenos. A novidade são os peruanos, que voltaram a ter esperanças e estão mais confiantes em falar sobre seu país.

Enquanto não chegamos a um futuro melhor, já tendo perdido uma década e mais um quinquênio, o que ainda impõe respeito é o tamanho do País, tal como aqueles adolescentes enormes, mas ainda

desajeitados. Já houve quem dissesse que “o Brasil é muito complicado para ser arrumado, mas muito grande para ser ignorado”.

O Mercosul atrai uma atenção enorme e todos querem saber se vamos ampliá-lo para o norte, começando por integrar o Chile e a Bolívia, até alcançar o Tratado de Livre Comércio da América do Norte (Nafta), ou se vamos para o nordeste (o rico), caminhando na direção da Comunidade Econômica Européia. Este último movimento deixa os americanos muito curiosos, até mesmo enciumados. Os chilenos apaixonaram-se pelo Nafta, mas, por via das dúvidas, continuam cultivando seus antigos amores no Mercosul.

Não se fala mais de dívida externa, o FMI sumiu da agenda brasileira e das manchetes nacionais e mesmo a ressaca do “efeito tequila”, na sequência da crise mexicana, já não atrai tanta atenção.

Independentemente do cenário externo, há, assim, gente que vai bem e gente que vai mal. Os chamados “fatores externos” vão e voltam e nossa trajetória continua ruim. Isso confirma a tese de que nossa crise é essencialmente “made in Brazil” e reside na nossa enorme dificuldade de atuar coletivamente buscando soluções nacionais para os nossos problemas. Parece que que nossa capacidade

de atuar dessa forma está limitada pelo número de 11 jogadores, mais o técnico e outros auxiliares que comandam nossos times de futebol, que freqüentemente nos trazem alegria no confronto com equipes de outras nações.

Por isso mesmo, no jogo que realmente interessa, o econômico, continuamos ficando para trás. E não é por falta de receitas econômicas. Há hoje um grande acordo sobre o que fazer. O difícil é como fazer, no sentido de tomar iniciativas, obter apoio político e executar as medidas necessárias para tirar o País do atoleiro. Sobre isso os economistas não têm muita coisa a dizer, exceto apontar e lamentar que o problema do Brasil esteja menos na disponibilidade de recursos tipicamente econômicos, como os humanos, os naturais, o capital e a tecnologia, e mais na incapacidade de nos organizarmos institucional e politicamente. Isso para deixarmos de ser, não tanto o gigante adormecido, mas o que, já despertado, fica a perder tempo ou mesmo fazendo tolices, com o raciocínio entorpecido pelos comandos desorientados que recebe das gerações que hoje o têm sob sua guarda.

■ *Roberto Macedo, economista formada pela USP com mestrado e doutorado em Harvard, é pesquisador da Fipe e professor da Universidade Mackenzie*